

Vilém Flusser
Orhtonature Paranature

Capa

Institut Scientifique
de Recherche
Paranaturaliste
V. Flusser
ORTHONATURE
PARANATURE¹

p.1

ORTHONATURE/PARANATURE²
Vilém Flusser
.O.E.A. (1978)

p.2

Nós agradecemos Vilém Flusser por gentilmente ter contribuído, com esse texto, para a reflexão global empreendida pelo Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste sobre o conceito de paranatureza.

L. B. e F. B.

¹ Panfleto/livro publicado em fevereiro de 1978 pelo Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste. O pequeno livro se baseia em conferência proferida por Flusser em outubro de 1976, como forma de apresentação dos “sulfanagradados”, bichos de enxofre inventados por seu amigo Louis Bec, então diretor do I.S.R.P. Há três versões preliminares do texto, mas a presente tradução se apoia na obra publicada, que consta no Vilém Flusser Archiv, em Berlim. Esta tradução, feita para fins estritamente didáticos, é a primeira ao português).

² See also the French version in *Flusser Studies 31*

(<http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/flusser-orthonature-paranature-1.pdf>), as well as the comment by Martha Schwendener and Marc Lenot available both in French (<http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/schwendener-lenot-orthonature-paranature-fr.pdf>) and English (<http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/schwendener-lenot-orthonature-paranature-en.pdf>)

p.3

Há, no que concerne à relação natureza/cultura, uma ideia tão difundida que se constitui quase como um consenso geral: a cultura é o resultado de uma transformação da natureza. Nós aprendemos esta ideia na escola; nós a lemos nos contextos os mais variados, nós a encontramos nos numerosos mitos e nas muitas ideologias políticas e religiosas; ela está no fundo de praticamente todas as antropologias científicas e filosóficas. Sendo assim, nós a aceitamos e, tendo-a aceitado, acreditamos poder observar em toda parte que ela é justa.

O processo tenderia, então, a transformar a natureza em cultura, o que parece ser constantemente verificável, tanto na agricultura como na escultura, na indústria como na pedagogia. É o ato através do qual o homem toma um objeto natural (uma planta, uma pedra, um mineral, uma criança) e o transforma em uma coisa útil, cultural (em cereal, em estátua, em carro, em cidadão). Este ato é observável em todo lugar, e nós todos o executamos. Como não aceitar, em razão deste ato, a ideia de que a cultura é natureza transformada?

Mas nós podemos nos colocar uma ideia bem diferente da relação entre natureza e cultura: nós podemos conceber que a natureza é o resultado de uma transformação da cultura... Há boas razões para formular tal paradoxo, paradoxo, evidentemente, se pensado em relação à ortodoxia mencionada anteriormente. Não vemos o oposto em toda parte? As ideias são modelos de observação. Quando

p.4

aceitamos a ideia de que os objetos sobem ou caem segundo a justiça (diké), cada objeto buscando seu justo lugar no mundo, podemos observar em toda parte como a chama sobe pelo ar, como os objetos pesados caem mais rápido que os objetos leves. E quando a ideia de queda livre, segundo a qual todo objeto cai em campo gravitacional, foi aceita, podemos observar como os objetos caíam com uma aceleração geométrica independente de seus pesos.

Se aceitamos que a natureza provém de uma transformação da cultura, nós poderemos, igualmente, observar esta exatidão em toda parte. Mas se as ideias modelam as observações, se então todas as ideias são igualmente justas, por que mudar de ideia? Porque todas as ideias não são igualmente vastas. A ideia de queda livre abre um parâmetro de observação mais vasto que aquele da procura

por um lugar mais justo no mundo. Portanto, ela é melhor. A ideia que a natureza é uma transformação da cultura é talvez melhor e mais vasta que a ideia contrária. Eis o tema.

Comparemos as duas ideias. De acordo com a ideia ortodoxa, a natureza é anterior à cultura, e só existe uma única natureza, universal e onipresente. Chamemos esta natureza de “Orthonature”. O homem se encontra nela e, “originalmente”, só tem ela à sua disposição (sublinhado no original). Mas ele não a aceita como é. Ele a mudou segundo seus desejos e para dela se libertar. Assim, ele produz diversas culturas. Ao final deste processo utópico chamado “História”, toda natureza será transformada em cultura, isto é: todas as coisas serão como o homem deseja, e ele será livre. De acordo com a ideia-paradoxo, a cultura é anterior à natureza.

p.5

O homem se encontra nela e, “originalmente”, só encontra cultura ao seu redor. Ela o determina. Para se liberar dela, ele a desculturiza (*déculturnise*) reduzindo-a a uma única dimensão epistemológica: ele a transforma em natureza. Assim, ele produz diversas naturezas. Chamemo-las de “Paranaturezas”. Ao final deste processo utópico chamado “História”, toda cultura será transformada em natureza, isto é, todas as coisas serão conhecíveis e manipuláveis. O homem será livre. A diferença entre as duas ideias torna-se evidente. Para a ideia ortodoxa, o homem é um animal natural e, originalmente, primata. Para a ideia antagonista, o homem é um animal cultural e, originalmente, primitivo. Para o primata, tudo é natureza porque tudo é comível, ou copulável, ou perigoso. Para o Primitivo, tudo é cultura porque tudo é “espiritual”, isto é, um outro que participa da cultura. Para o primata, a estrutura do mundo é a necessidade: é necessário que ele coma, que copule e que seja comido. É a estrutura da natureza. Para o primitivo, a estrutura do mundo é a retribuição: se ele deseja ter qualquer coisa, ele deve dar uma outra coisa em sacrifício. É a estrutura da cultura. Para o primata, o problema é se libertar da necessidade pela imposição de sua vontade. É isto que ele faz quando se torna homem: ele produz “valores” e dá, assim, significado ao mundo absurdo da natureza. Para o primitivo, o problema é se libertar da retribuição por meio da descoberta da necessidade escondida atrás da cultura. É isto que ele faz quando se torna consciente: ele “desmistifica” (*démythifie*) e descobre, assim, a absurdidade do mundo. Logo, a medida do progresso, para a ideia ortodoxa, é o desenvolvimento da cultura, já que o homem é um primata em evolução. E a medida do progresso,

p.6

para a ideia paradoxal, é o desenvolvimento do conhecimento desmistificante da natureza (sublinhado no original), já que o homem é um primata em revolução³.

Não caímos na armadilha de dizer, segundo a ideia ortodoxa, que o homem é um primata antes de se tornar um primitivo, porque é precisamente uma tal afirmação que a ideia paradoxal recusa. Para ela, não faz sentido projetar o passado para além da existência humana, exceto como extrapolação. Pois, para ela, o mundo “começa” precisamente com sua percepção pelo homem. A dignidade ôntica do mundo é para o homem. O primata, por esta ideia, é um homem desmistificado. Neste sentido, o primata é posterior ao homem: sua descoberta data do século XIX. É graças a Darwin, apenas, que nós pudemos nos tornar primatas. Vemos a diferença fundamental entre as duas ideias: para a ideia ortodoxa, há uma história natural da qual a história humana é o último capítulo. Para a ideia paradoxal, a natureza é uma descoberta recente: em sentido estrito ela só começa com as ciências naturais, e é só agora que o homem começa a se encontrar nela.

A ideia ortodoxa concebe a natureza de uma maneira ontológica: ela é o conjunto das coisas não feitas pelo homem. Enquanto que a ideia paradoxal concebe a natureza de uma maneira metodológica: ela é o conjunto das coisas explicáveis pelos métodos das ciências da natureza, entre outras. Os métodos das ciências da natureza parecem aplicáveis a domínios sempre mais vastos, e, nestes domínios, a cultura se transforma em natureza. Porque aplicar os métodos científicos é querer expulsar os mitos, os espectros, os deuses, as ideologias. O que

p.7

poderia restar depois da aplicação destes métodos, é a natureza. Podemos observar este processo em todo lugar, e podemos melhor observa-lo nos domínios recentemente desculturados (*déculturisés*). No domínio da justiça, em que o conceito de crime e de pena está em vias de ser abandonado em favor dos conceitos de motivação psicológica e de terapia social. No domínio da arte, em que o conceito de Belo é abandonado em favor do conceito de informação. No domínio da política, em que o conceito de liberdade é abandonado em benefício do conceito de

³ As versões manuscritas assinalam “primitivo em evolução” (*primitif en évolution*). Deste modo, pode ocorrer que o panfleto carregue um erro de digitação. Todavia, e de acordo com a argumentação do texto, a expressão “primata em revolução” também soa bastante coerente. (NT)

funcionamento. Nós podemos observar em toda parte o recuo do domínio dos valores, isto é, da cultura, diante da natureza.

Deste modo, as duas ideias são igualmente justas; e as razões para aceita-las são igualmente boas. A questão que se coloca é: qual das duas ideias é a mais vasta? Se admitimos que a proposição da ideia paradoxal “a natureza come progressivamente a cultura” corresponde à proposição da ideia ortodoxa “a natureza é comida progressivamente pela cultura”, as duas ideias mostram-se complementares: uma é o oposto da outra. Mas se nós admitimos que a cultura produz diversas naturezas durante o processo de desmistificação, é evidente que a ideia paradoxal é mais vasta que a ideia ortodoxa. Porque a diversidade da natureza não é como a diversidade da cultura: as diversas naturezas não se localizam, como as diversas culturas, sobre o mesmo plano ontológico. Ao contrário: as diversas naturezas tem, cada uma, sua própria realidade, ainda que estas realidades possam se interligar. A única coisa comum a estas diversas naturezas é o método de as conhecer: a epistemologia.

É preciso admitir que a ideia paradoxal é a mais vasta: ela abre um parâmetro maior

p.8

para a observação, mas também para a ação, porque a ideia ortodoxa limita a ação apenas à transformação da natureza, enquanto que a ideia paradoxal abre um campo de ação no qual podemos produzir muitas paranaturezas. Trata-se de uma inversão de significação do termo “Arte”. Para a ideia ortodoxa, a arte é o método para transformar a natureza em cultura. Para a ideia paradoxal, a arte é o método para produzir as paranaturezas. Neste sentido, temos uma, e somente uma, resposta: as ciências da natureza. É por isso que até agora produzimos apenas uma paranatureza, aquela de que nos fala as ciências naturais. E como esta paranatureza é única, nós a confundimos com a ortho-natureza da ideia ortodoxa. Para mostrar que a ideia paradoxal é mais vasta, é mister elaborar outras artes, ou seja, outros métodos de produção de paranaturezas, métodos paralelos aos das ciências naturais, mas tomados a partir de outros domínios do real.

Aqui está o propósito do Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste, l’I.S.R.P.: partir da premissa epistemológica de que toda ideia é um modelo para observação do real. Que a ideia paradoxal seja melhor que a ideia ortodoxa, deve-se aceitar. A primeira consequência desta aceitação é a reformulação da significação do termo “arte”: é um método para fabricar as paranaturezas. A segunda consequência é uma reformulação do termo “ciência”: é uma arte entre

outras artes possíveis. É importante considerar brevemente o impacto desta segunda consequência. A arte é o método para produzir paranaturezas, e, neste sentido, a ciência é uma arte. A fé ingênua na ciência desmorona.

p.9

A questão de saber se os organismos produzidos pelo I.S.R.P. são seres naturais é uma questão ruim. Eles são tão naturais quanto os animais de que nos fala a zoologia, mas pertencem a uma paranatureza diferente daquela a que pertencem esses animais. O grau de realidade é o mesmo, é a realidade que muda. Os animais da zoologia não são surreais em relação aos organismos do I.S.R.P., ou vice-versa. Os zoólogos e o I.S.R.P. são radicalmente realistas, somente trabalham em paranaturezas diferentes. Sendo assim, a pluralidade das realidades, as paranaturezas, colocam-se de uma forma concreta. Vejamos o que é a zoologia, uma arte, e o que é o paranaturalismo, uma ciência.

Se a diferença entre arte e ciência desaparece, se toda ciência é um artifício, os critérios de verdade mudam. A verdade científica não é mais a adequação de uma ideia a um dado real, mas a adequação de uma ideia a um fato real provocado por esta ideia. E os organismos do I.S.R.P. são a prova concreta de uma revolução epistemológica. Não somente a ciência é uma arte, mas também a arte tornada consciente de si mesma é uma ciência, isto é, um método de conhecimento. Para avaliar uma tal arte, é necessário aplicar-se os critérios epistemológicos. Em consequência, não há uma verdade, mas múltiplos modelos, e o conhecimento buscado pelo I.S.R.P. não é menos científico que o conhecimento buscado pela zoologia, ainda que diferente. Mas, curiosamente, ele é estruturalmente o mesmo, já que se aproveita das mesmas ferramentas, a lógica, a metodologia, a experiência controlada (sublinhado no original). O conhecimento é uma atividade humana estruturada pelas mesmas categorias qualquer que seja a realidade sobre a qual

p.10

se debruce. Se a ciência é uma arte, e a arte que se tornou consciente é uma ciência, pode-se aplicar critérios estéticos a ambas. Sendo assim, não se trata somente de uma revolução epistemológica, mas de uma estética ligada intimamente a uma epistemologia.

Desta visão geral, podemos extrair que as organismos do I.S.R.P. são a prova concreta do fato de que não há apenas uma natureza. Há tantas naturezas quantos forem os métodos para produzi-las.

Toda paranatureza deve ser sustentada pela ironia, uma atitude perigosa, mas questionadora.

*Foram impressos 60 exemplares (50 + 10 h. c.) desta brochura, todas numeradas, a segunda da coleção “Fundamentos”.

fevereiro 1978

Tradução: Rafael Miguel Alonso Jr .